

O QUE A INTERNET FEZ COM A POLÍTICA ?

Shayana Busson¹

Resumo: Este trabalho faz um apanhado do conceito e da história do espaço público grego teorizado pelo livro clássico da autora Hannah Arendt *A Condição Humana* (1958). Em um segundo momento fazemos referência às novas tendências de espaço público lançadas na era da internet e na internet, a partir da discussão do livro *Ciberdemocracia* (2002), do autor, clássico contemporâneo, Pierrri Lévy. Intentamos correlacionar os modelos, formas, conceitos, mudanças e novidades de espaço público, da Grécia antiga aos dias atuais. Ao final demonstramos exemplos de alguns movimentos políticos, como têm se articulado pela internet.

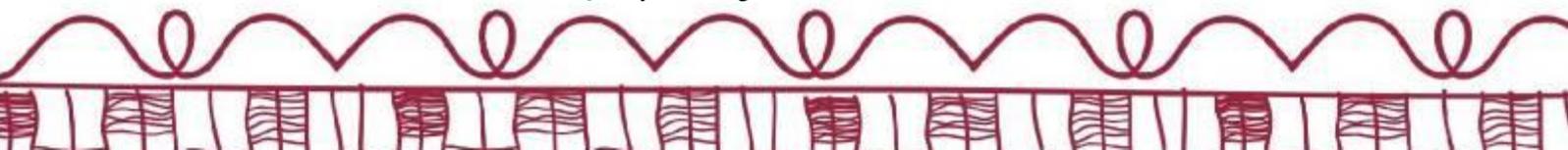
Palavras-chave: internet, espaço público, participação política

Para a autora Hannah Arendt (1958) a fundação da polis grega é ainda hoje a expressão mais loquaz dos corpos políticos. Nela era possível perceber uma clara distinção entre esfera pública e esfera privada, onde o lar e a família eram ambientes absolutamente particulares e privados e a polis era pública, ambiente para discussões políticas.

O espaço público, segundo a autora, à época da fundação das cidades-estado gregas, foi o local onde os interesses e decisões eram disputadas exclusivamente pelo discurso, pelas palavras e pela persuasão, e não mais através da força e violência. Ele era ocupado por homens livres, ou seja, homens que não estavam sujeitos ao labor, ou presos às condições de mera sobrevivência, portanto homens com tempo para participar da vida pública.

Outra característica é que os gregos pensavam a política como uma atividade de coragem, amor e nobreza, que transcendia o processo biológico da vida e definia-se na tentativa de imortalidade dos homens. Somente através da *ação* discursiva o homem poderia iniciar uma espécie de “segundo nascimento” (ARENDR, 1958, p. 189), deixando sua marca duradoura na passagem pelo mundo. O conceito de *ação* para a autora estrutura-se exatamente na idéia de iniciativa, espontaneidade, imprevisibilidade, o que distingue uns homens de outros e dos animais seria a capacidade de agir com espontaneidade e liberdade. O homem que por desinteresse ou por ser escravo não

¹ Graduada em História pela UCSal e Membro do Núcleo de Estudos sobre Juventude, Identidade, Cidadania e Cultura-UCSal/CNPQ. shayanabs@gmail.com



agisse e/ou participasse da esfera pública, não era “inteiramente humano” (ARENDR, 1958, p.48).

A era moderna, no entanto inaugura uma nova concepção e estruturação de esfera pública, onde todas as esferas se diluem em uma só: esfera social. Nesse sentido, o social prevalece sobre o político, o que é uma perda, pois para os gregos, política² é aquilo que o homem realiza para além de suas necessidades, de sua constituição familiar e sobrevivência, é a ação (*praxis*) e discurso (*lexis*), como penetrar numa espécie de segunda vida, e, é a única coisa essencialmente humana, que nos distingue. Já o conceito de social é romano e indica apenas a associação natural das pessoas, a companhia natural, tal como os animais que vivem em grupos.

“Segundo o pensamento grego, a capacidade humana de organização política é diretamente oposta a essa associação natural [...] o surgimento da cidade-estado significava que o homem recebera o seu *bio politikos*³” (ARENDR, 1958, p.33).

As ciências sociais, a estatística, a propriedade privada, a monarquia, o aumento populacional, a economia doméstica (transformada em economia política) e alguns intelectuais do modernismo contribuíram categoricamente para desmembrar o abismo que existia entre esfera pública e esfera privada, colocando tudo no patamar da esfera social. Com isso suplantaram o antigo espírito de disputas individuais típico da esfera pública grega. Como visto anteriormente, o homem grego fazia dos seus debates e da sua contribuição para a esfera pública um ideal de imortalidade, por isso, ele procurava se destacar e se distinguir individualmente com discursos e ações, buscando sempre inovar e tornar-se inconfundível. Acontece que no decorrer da modernidade esse caráter grego individual do homem político se perde e dá lugar a uma esfera pública (mais tarde chamada de social) repleta de homens preocupados em seguir normas e comportamentos sociais, burocráticos e conformistas.

Numa concepção bastante crítica das mudanças que se processaram ao longo da história da esfera pública e de participação política, Arendt afirma que no mundo moderno a esfera política e pública se tornou apenas uma função da sociedade e uma forma de prosseguir com a manutenção da vida. A diluição entre público (político) e privado alterou o significado da vida, pois tornou o cidadão igual ao indivíduo, e a

² Atualmente, muitos autores, até mesmo os clássicos retratam o conceito de política, distante da concepção originalmente grega, como uma reflexão sobre as coisas do Estado, da cidade, de governos. Cf. BOBBIO (2000)

³ Ver também (JAEGER, 1994, p. 144)

suposta igualdade entre os pares da sociedade uma forma autêntica de conformismo, pois ninguém mais visa buscar o diferencial, somente o igual.

A imposição de inúmeras regras para a participação e a formalização de uma sociedade de iguais, requisitos típicos da era moderna, espera que cada membro tenha o tipo ideal de comportamento político, e com isso se aboliu a liberdade, a “ação espontânea e a reação inusitada” [...] a suposição é de que os homens se comportam ao invés de agir em relação uns aos outros” (ARENDDT, 1958, p.51).

A invenção da esfera social, em prol da esfera pública, política e privada permite que assuntos como a mera sobrevivência sejam admitidos em praça pública, pois assuntos políticos se resumiram a tolas defesas de propriedades e de interesses privados.

A autora critica a estereotipização do conformismo, travestida de padrões de comportamentos políticos burocráticos que negam a opinião espontânea, tendência já verificada desde o século XVIII. A partir da modernidade o espaço público se torna burocrático e elitista, ainda que sob as várias formas da democracia, seus acessos ficam cada vez mais reservados à salões, clubes e parlamento.

O livro *A Condição Humana* de Hannah Arendt (1958), traz sem dúvida, aspectos elucidativos da história, filosofia e concepção de espaço público, e mesmo dentro do seu contexto temporal Arendt apresenta muitas contribuições para o debate atual em torno da participação política, da política e obviamente do espaço público. No entanto nosso trabalho visa aqui avaliar, em um sentido mais prático, o funcionamento do espaço público da internet, em que medida as análises de Harendt podem ser consideradas para nossa avaliação.

A internet tem se tornando um ambiente cada dia mais concebido a partir de suas capacidades de emancipação política, com possibilidades múltiplas de articular movimentos sociais, divulgar ações de solidariedade, formular redes de contestação, fixar debates públicos, enfim, nesse sentido de uma “resignificação” da tecnologia, numerosos intelectuais, mixando teorias da comunicação e ciências sociais têm dedicado estudos minuciosos sobre as capacidades políticas da rede virtual.

Apesar da existência de inúmeros intelectuais que destacam o aspecto político da internet, nosso presente trabalho se detém à perspectiva do autor clássico Pierry Lévy, especificamente a seu livro *Ciberdemocracia*, no tocante ao argumento central do desenvolvimento de uma nova esfera pública com a internet e o correlativo aumento de uma discussão cidadã à nível mundial.

Embora o autor não se atenha fundamentalmente a conceitos, história e filosofias sobre espaço público, o mesmo oferece subsídios mais práticos do contexto geral e das atuais tendências do espaço público na era da internet.

Lévy parte da idéia de um espaço público mundial, deflagrado pela internet para propor um governo eletrônico planetário com bases na participação de parlamentares, instituições, organizações sociais, pessoas e empresas. Tal como na Grécia onde mesmo com democracia a presença do Estado⁴ e do imperador era aceitável e respeitada, na democracia mundial e virtual de Lévy o Estado não deixará de existir, porém com uma configuração mais participativa da população e de instituições. O espaço público da internet seria um local propício para as populações deliberarem, porém juntamente com os parlamentares e o Estado, e tal procedimento, portanto, pode ser categorizado tradicionalmente como uma combinação entre democracia virtual direta e democracia representativa.

Segundo os pensamentos expressos no livro *Ciberdemocracia*, o espaço público da internet apresenta características mais democráticas e transparentes que, infelizmente, como apontou Arendt, se perderam ao longo da modernidade. Lévy destaca que nesse espaço da internet existe um certo alargamento do sentido e da liberdade de participação, uma propulsão à acolher expansivamente a alteridade, a diferença, a espontaneidade. Apesar de não se remeter à tradição grega pode-se comparar o pensamento dos dois autores e asseverar que há uma correlação entre a nova abertura democrática e os antigos formatos da democracia grega.

Com uma visão bastante eufórica da situação, o autor contemporâneo Pierre Lévy fala de uma abertura de espíritos, do estímulo ao desenvolvimento de uma coragem política, nunca antes imaginada, que tem conseqüências muito positivas para a política mundial. Com a emergência do ciberespaço há um retorno ao exercício da palavra pública, um acesso a multiplicidades de pontos de vistas, que tal como na Grécia, confirma um caráter subjetivo da participação política e mais participativo do espaço público.

Quanto ao formato conformista e elitista dos espaços públicos da era moderna, como vimos nas afirmações “Arendtianas”, a internet vem a contrapor tais condições, a medida em que pode expressar a opinião ilimitada e irrestrita de pessoas, permite a divulgação de idéias, não apenas por meio de palavras, mas de vídeos, sons e imagens,

⁴ A concepção de Estado na Grécia, no entanto era diferente da concepção atual. Para os gregos o Estado seria o próprio espírito do povo, homem e Estado era um ente só, e a cultura espiritual visava o Estado como seu fim último. (JAEGER, Werner, 1994)

não estipula formalizações comportamentais para participar dentro dela, e enfim, “a internet volta a questionar as situações de monopólio do poder do dizer [...] de igual maneira, propõe uma lufada de ar fresco, e, pouco após, uma capacidade de criar e de se expressar, aos povos que sufocam sob o poder de súcias ditatoriais e fanáticas” (LÉVY, 2002, p.62).

Troca e entrelaçamento dos seus membros e das idéias, o crescimento da esfera pública lançada na internet se “refracta em milhões de ângulos diferentes nos sítios e nas comunidades virtuais” (LÉVY, 2002, p.52) e por isso pode ser traduzida pelo conceito de rizoma social (DELEUZE, *apud* LÉVY 2002).

No pensamento do autor faz-se presente a idéia de que a transparência pública gerada pela internet permite um abrir-se para o outro.

Sem um sentido propriamente de imortalidade e de disputa individual, como vimos na concepção política da polis grega, mas com um ideal transformador de uma democracia próxima que incluía as populações desfavorecidas pelas formas tradicionais de governo e democracia, a idéia contemporânea de espaço público, no âmbito das intervenções da internet tem demonstrado, em relação à Grécia, novidades e resgates históricos.

Ainda que Arendt apresente argumentos defensivos e favoráveis ao espaço público grego, há que se pensar que a internet evidencia um alcance ainda mais abrangente, designado por Lévy de estágio superior da democracia, em que tanto os interesses públicos quanto os privados são discutidos, porém, sem a hierarquia das palavras dos parlamentares, tal como prevaleceu na modernidade. Com a ciberdemocracia continua a prevalecer o instrumento do discurso e da persuasão, como armas políticas

As ações e movimentações políticas na internet variam em forma, conteúdo e participação. Com todos os novos aparatos tecnológicos, o comportamento e conceito de espaço público e participação tem mudado bastante, senão assumido teoricamente, na prática é possível diagnosticar.

Em alguns casos o espaço online inverte a estratégia de luta política na circunstância em que os ciberpolíticos geralmente atuam sozinhos, não elegem lideranças, e só se encontram no momento mesmo das manifestações. Distinto de partidos e sindicatos que se consolidam na construção cotidiana de lutas e idéias, a ciberpolítica caracteriza-se, muitas vezes, pelo anonimato, pelo espontaneísmo e por ações interventoras de impacto. Há outros casos em que a internet pode servir como um verdadeiro “teatro de resistência” (ABDEL-MONEIM, 2002) onde adereços, fotos,

vídeos, gritos de guerra e entrevistas são disseminados por toda web, retirando, por exemplo, grupos e pessoas do isolamento de regiões distantes e as colocando no centro de um espaço discursivo transnacional.

Por ora, há também investidas que aparentemente não têm efeito algum, como é o caso da criação de comunidades do orkut, mas que sua expressividade pode estar funcionando como referência na orientação política e comportamental de jovens, transformando cotidianamente valores e instituições morais (BRAGA,2008). Muitas vezes a participação política no orkut é muito baseada na simples filiação e/ou criação de uma comunidade, sem ao menos se debater dentro delas. Mas por que se inscreveram em comunidades políticas e não em outras categorias de comunidades? A hipótese é que há interesse em se indicar como ligados, como numa espécie de cidadania passiva - filiar-se à uma tendência, à uma comunidade mas não necessariamente opinar, manifestar-se, o que reiteramos, reproduz o padrão corrente de “participação” política de muitos, apenas consomem-se idéias, se está inteirado de debates, o que assim não se é necessariamente apolítico ou estranho a ela.

O conteúdo político da participação política on-line é ilimitado, e, muitas vezes, não se prende à ética ou à formalismos. No orkut, comunidades como: “Roberto Jeferson é o terror” com 14. 927 membros, “Nosso Aeroporto é 2 de julho” com 9.639 membros, “Repúdio à ignorância política” com 38.301 membros, “Tenho saudades do lula radical” com 384 membros, evidenciam a mixagem entre ironia e seriedade dos temas políticos tratados (BUSSON, 2009). Para alguns estudiosos, a nova política, ou a “nova cultura política” se manifesta também com práticas que promovem a inversão da imagem convencional de celebridades, marcas ou coisas do gênero, funcionando como a criação de verdadeiras “embalagens políticas”, permissíveis de serem divulgadas mais constantemente pela internet, já que a televisão e o rádio têm todo um escopo formal, e/ou no mínimo um compromisso com a fonte das notícias e imagens. (Clark, Hoffman- Martinot 1998, Marshall 1997, Franklin 1994, Scammell 1995 apud Scoot; Street, 2000).

Em mais um exemplo, no site da Rede Sou de Atitude pode-se formar politicamente jovens à distância. Os jovens ajudam outros jovens a entender o ciclo de orçamentos municipais, estaduais e federais, bem como ensina a buscar estatísticas sobre determinados programas sociais, acompanhar a prestação de contas, combater corrupção, fiscalizar verbas e materiais, e ao final auxilia o jovem à divulgar o relatório de monitoramento na rede virtual além de entregá-lo às autoridades específicas da

política pública que ele monitorou. Esse exemplo comprova que as ações virtuais podem apresentar conseqüências políticas reais e que a democracia não deve ser necessariamente “fabricada” a partir do estabelecimento de mais organismos sociais, mas sim que deve ser construída nas formas de convivência, tal como alguns sujeitos, através da internet, têm construído.

REFERÊNCIAS

ABDEL-MONEIM, SARAH GRUSSING. **O Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético**. Rev. Estud. Fem., Jan 2002, vol.10, no.1, p.39-64. ISSN 0104-026X

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BOBBIO, Norberto. **Teoria Geral da Política: a filosofia política e as lições dos clássicos**. Trad. Daniela Beccaccia. Rio de Janeiro, Campus,2000.

BRAGA, Adriana A. **Personas Materno-Eletrônicas: feminilidade e interação no blog Mothern**. 1. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008. v. 1. 286 p.

BUSSON, Shayana. **Participação Política da Juventude e Ciberespaço**. Rede de Informação Tecnológica Latino Americana. Brasília, 2009. Disponível em: http://www.ritla.org.br/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=81&dir=DESC&order=name&Itemid=99999999&limit=5&limitstart=40

LÉVY, Pierri. **Ciberdemocracia**. Lisboa. Instituto Piaget, 2002.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. Trad.Arthur M. Parreira. 3ª Ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1994.

STREET, John; SCOTT, Alan. **From Media Politics to E-protest: The use of popular culture and new media in parties and social movements**. Information, Communication & Society. Londres. Vol 3, June 2000 , pag 215 – 240. 2000.